

OSO

A OSSO é uma associação cultural sediada na aldeia de São Gregório, Caldas da Rainha, cujo trabalho se foca no apoio à criação, formação, investigação e programação artística.

do alto

dos

montes

Índice

2
Índice / Editorial

3
Do alto dos montes
A viagem contínua
Duarte Belo

7
Caderno dos Labirintos
Para onde queres caminhar?
Nuno Morão e Duarte Belo

11
Espécies
Lagartixa-do-mato-comum

12
Holofote
Talefe da Fanadia

14
Receituário
Hugo Brito

SÓCIO OSSO

Ser sócio da OSSO dá desconto nos eventos públicos dos dias abertos e nas oficinas para crianças. Cota anual: 12€ contacto: ossocultural@gmail.com

JORNAL OSSO #5 | Edição: Ricardo Jacinto e Nuno Morão | Design Gráfico: Alexandra Borges | Distribuição online: Gazeta das Caldas | Tradução: Ivo Santos | Revisão: Nuno Morão | Impressão: Gracal | Produção: OSSO Associação Cultural | Direcção Artística: Ricardo Jacinto | Direcção de Gestão: Rita Thomaz | Direcção Técnica: Nuno Morão | Produção: Liliana Ferreira | Produção (oficinas): Maria Graça | Centro de Documentação e Loja: Ivo Santos | Comunicação: Patrícia Cardoso | Design Gráfico: Alexandra Borges | Documentação: João Quirino, Inês Gomes, Joana Rodrigues | Assistência técnica: Lucas Keating | Monitores (oficinas): Laura Santos, Lucas Keating, Alexandra Borges | APOIOS: Câmara Municipal Caldas da Rainha | Gazeta das Caldas | Antena 2

OSSO

OSSO é uma estrutura financiada por:



dgARTES DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES

Editorial

Neste último ciclo de 2023, dedicamos o nosso Jornal ao projecto “Do alto dos montes”, dirigido por Nuno Morão, que esteve em residência artística na OSSO entre Novembro e Dezembro.

Sob o binómio Território e Mapeamento, este ciclo dedicou-se às questões relacionadas com a interpretação, atravessamento e marcação do território, com uma especial atenção dada aos seus pontos cimeiros. Juntaram-se a este programa a realizadora Luísa Homem, que com Nuno Morão concebeu um objecto filmico resultante da exploração de 3 pontos culminantes nas proximidades da OSSO (Montejunto — 666 m, Bouro — 162 m, Candeeiros — 487 m); o fotógrafo Duarte Belo, que publica neste jornal um ensaio sobre a viagem solitária e oblíqua que realizou em 2019; o poeta e performer António Poppe, que soprou palavras magnéticas e misteriosas como o vento do “alto dos montes”; e uma equipa da Divisão de Geodesia da Direcção-Geral do Território, que realizou uma oficina com a Escola Básica de São Gregório em que alguns aspectos da Geodesia foram explicados aos mais novos, tendo como pano de fundo a georeferenciação precisa da eira da OSSO e uma visita ao “talefe” da Fanadia.

No âmbito da EIRA, a nossa plataforma rádio, através da qual são difundidos programas, conversas, concertos e arquivos sonoros, convidámos o poeta e performer António Poppe a preparar um programa de rádio e um concerto para o Dia Aberto. Neste dia tivemos também um concerto do compositor e guitarrista Nuno Rebelo.

A estrutura convidada para nos abrir as portas ao seu arquivo sonoro foi o Doc's Kingdom, seminário internacional sobre cinema documental.

“Para onde queres caminhar?” foi a proposta de reflexão que desenhámos para o Caderno dos Labirintos deste 6.º ciclo, onde imaginámos a preparação para o importante exercício que é percorrer, a pé, o território que nos rodeia.

A rubrica Holofote incidiu sobre a presença serena e algo desprecebida do marco geodésico que existe mais próximo da OSSO. O “talefe” da Fanadia assinala um “alto do monte” de onde podemos avistar traços importantes da nossa paisagem comum.

A Espécie documentada nesta edição foi a arisca “sardanisca”, a lagartixa-do-mato-comum que habita em abundância os nossos pomares e que procura o calor do sol com uma perseverança digna de uma veraneante fiel.

O Receituário, rubrica que iniciámos no Jornal #3, encerra o ano de 2023 com uma reflexão do Chef Hugo Brito sobre os jantares comunitários que ocorreram no Verão, Outono e (às portas do) Inverno, sempre no âmbito dos Dias Abertos. Recordamos alguma memória palatal das refeições passadas e aguçamos o apetite para o ano que aí vem.

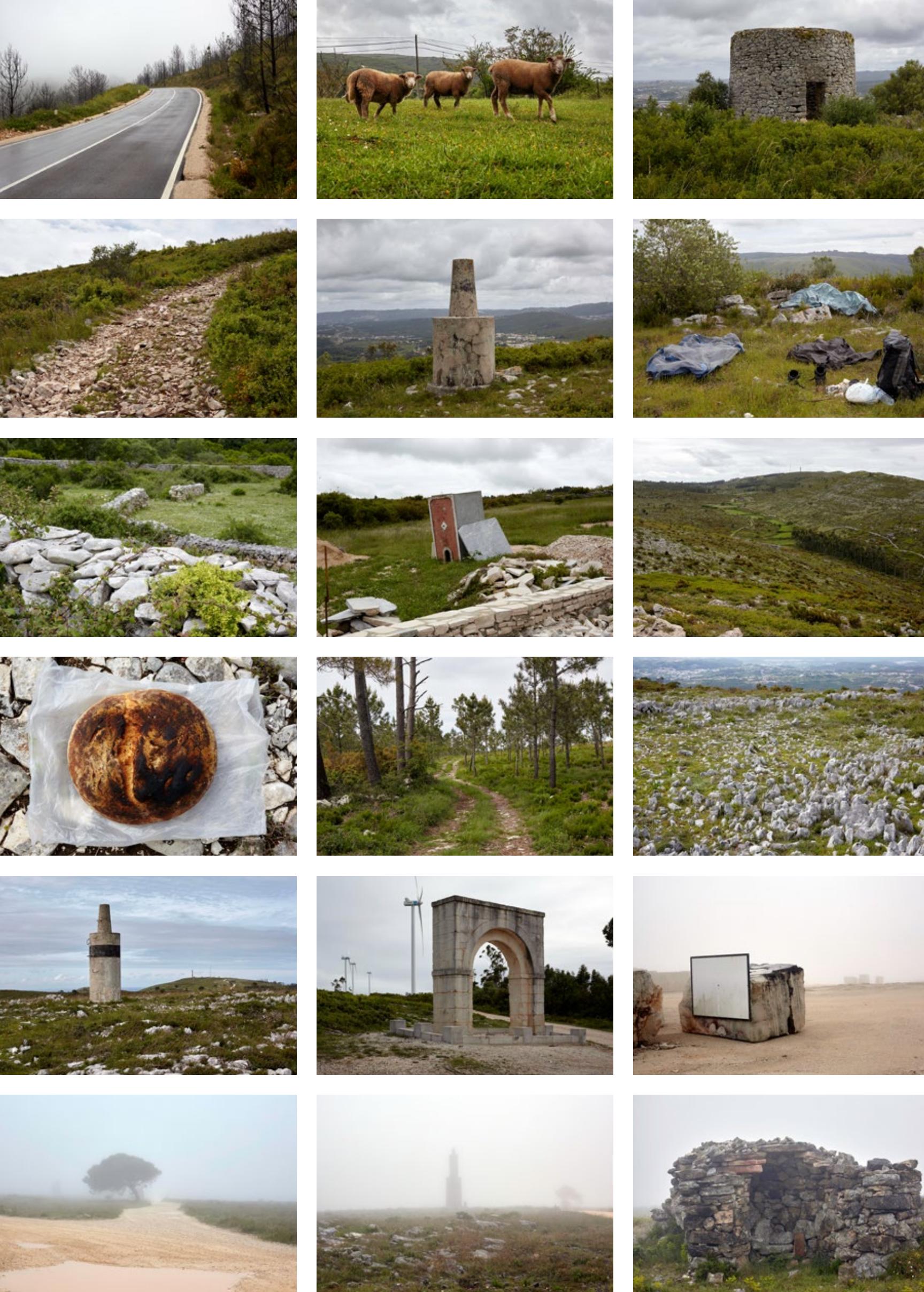
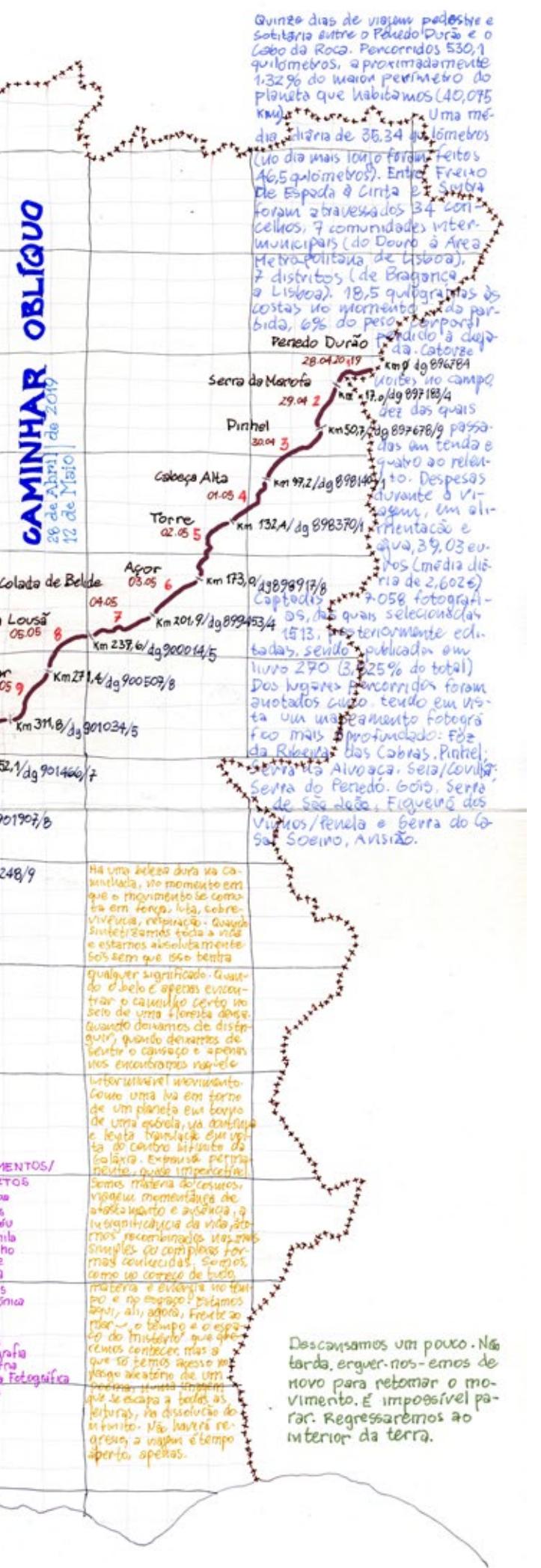


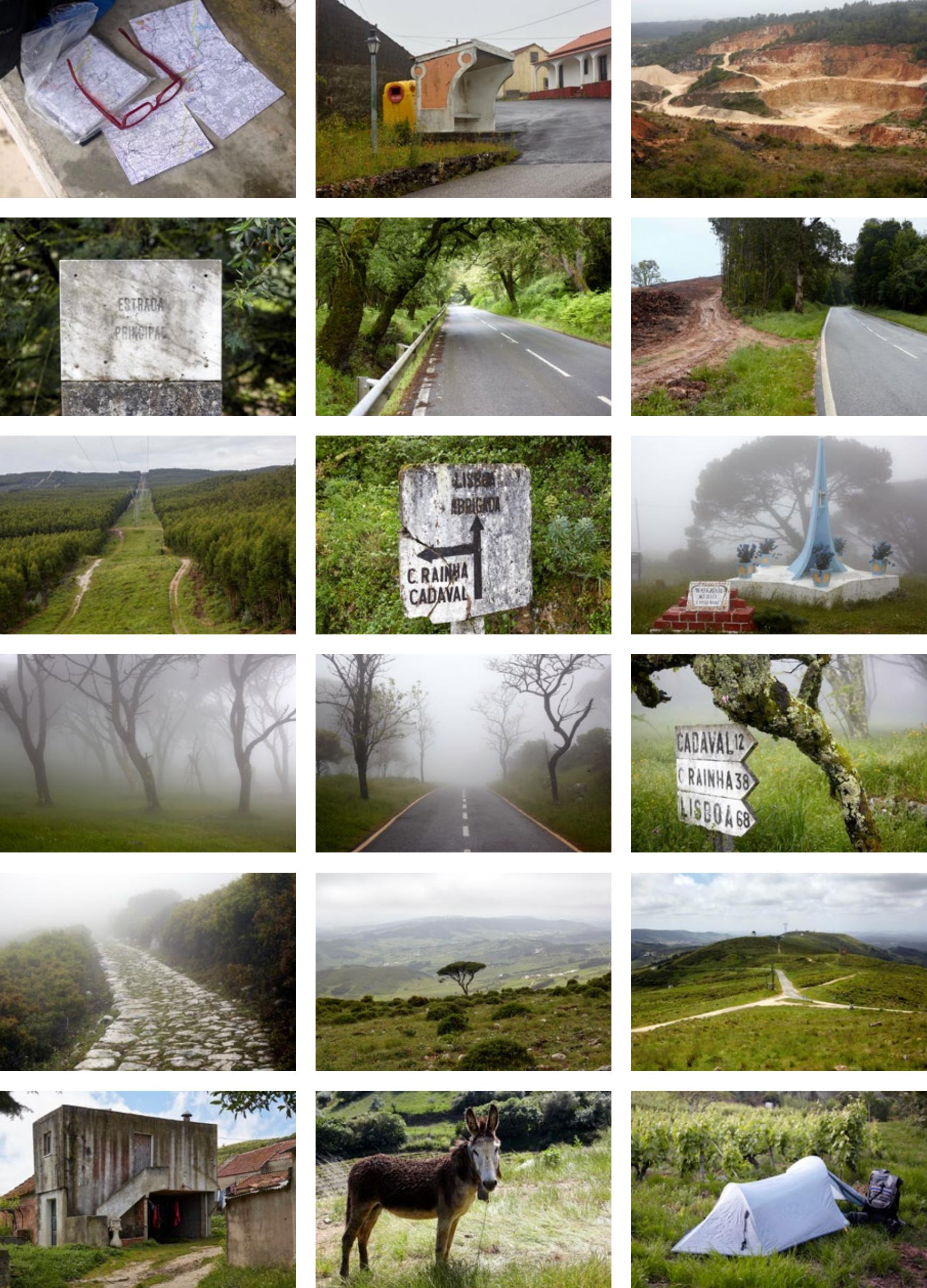
NO DIA 28 DE ABRIL, DOMINGO, INICIAVA, AS 18H, UMA VIAGEM PEDESTRE NO VÉRTICE GEODESICO PENEZO DURÃO, POLARES, FREIXO DE ESPADA À CINTA, TINHA COMO OBJETIVO ATRAVESSAR UMA LONGA DIAGONAL MONTANHOSA DO CENTRO DE PORTUGAL E CHEGAR AO CABO DA ROCA, COLARES, SINTRA. ESTA É A LINHA QUE DIVIDE O PORTUGAL ATLÂNTICO, A NORTE, DAQUELE OUTRO MÍDIO PAÍS, SOB A INFLUÊNCIA CLIMÁTICA DA BACIA DO MEDITERRÂNEO. IRIA PERCORRER ESSA LINHA IMAGINÁRIA QUE DE FORMA INDELÉVEL, DISTINGUE DUAS REALIDADES QUE SE ENTRETECEM NUM TERRITÓRIO RELATIVAMENTE PEQUENO MAS DE EXTRAORDINÁRIA DIVERSIDADE PAISAGÍSTICA. ESTE PERCURSO DE LIMBO SERÁ UM ESPELHO DISSO MESMO.

QUINZE DIAS APÓS A PARTIDA, NO DIA 12 DE MAIO, POR VOLTA DAS 14H30, CHEGAVA AO DESTINO. PARA TRÁS FICARAM 530KM PERCORRIDOS NUMA VIAGEM SOLITÁRIA DE ACENTUADA DUREZA, NÃO APENAS PELA DISTÂNCIA EFETUADA, AS NOTES NO CAMPO E O PESO DA MOCHILA IMPOSTO PELOS APENAS DOIS REABASTECIMENTOS ALIMENTARES DURANTE TODO O PERCURSO, MAS TAMBÉM PELA DIFICULDADE DE ALGUNS TROCOS ATRAVESSADOS E PELO CLIMA A QUE NÃO FALTOU O SOL INTENSO E O CALOR, A CHUVA PERSISTENTE, A NEVE OU O NEVOEIRO.

FOI UMA VIAGEM DE SOLIDÃO, UM EXERCÍCIO PONTUAL DE APASTAMENTO DE UM MUNDO CONCRETO DIVERSO E DISPERSO. FOI A VOZ PORTA DE MÓS SILENCIADA, IMERSÃO EM PENSAMENTOS, O PERCORRER DE TODA UM VIDA EM FRAGMENTOS DE ALEGRIA E TRISTEZA, CONDENADA EM PASSOS MUDOS. FOI O RELENTO SOR A ABÓIA DA CELESTE E O DESPERTAR, NA MADRUGADA ESCURA, AO SOM DO CHILREAR DE AVES INVISIVEIS. FORAM AS NOITES MAL DORMIDAS, O CANSADO EXTREMO, AS DORES NOS PÉS E NAS PERNAS, SEMPRE COM UMA IRRACIONAL DETERMINAÇÃO, PARA UM NOVO DIA.

ESTA CAMINHADA FOI TAMBÉM PROCURAR NO SOLO A REINVENÇÃO, A REDESCOBERTA PERMANENTE DE UM PAÍS. TALVEZ MAIS DO QUE QUALQUER QUESTÃO CULTURAL OU IDENTITÁRIA RELACIONADA COM O HABITAR DE UMA TERRA AO LONGO DE SUCESSIVAS GERAÇÕES QUE SE PERDEM NO TEMPO PASSADO. ESTE É TAMBÉM UM PROCESSO DE DIALOGO COM ESSA MESMA TERRA, COM O REGRESSO IMPOSSÍVEL À CONDIÇÃO ANIMAL, NA QUAL AS ANGUSTIAS DECORRENTES DA RAZÃO - QUE SE SERVE DA LINGUAGEM SIMBÓLICA E DA TECNOLOGIA - SE ESGATEM PELO CONTINUADO ESPANTO DE ESTAR VIVO. DESCODIFICAR O MUNDO VISÍVEL, ATRIBUIR NOMES E SIGNIFICADOS ÀS COISAS, TOMAR A CONSCIÊNCIA DE UM UNIVERSO DE ISQUIAS EM QUE NOS INTERAMOS E NÃO NOS DISTINGUIMOS DE QUALQUER OUTRO SER, DE UMA ÁRVORE, DE UM INSETO, DE UM PENEDO, DE UMA NUVEM.



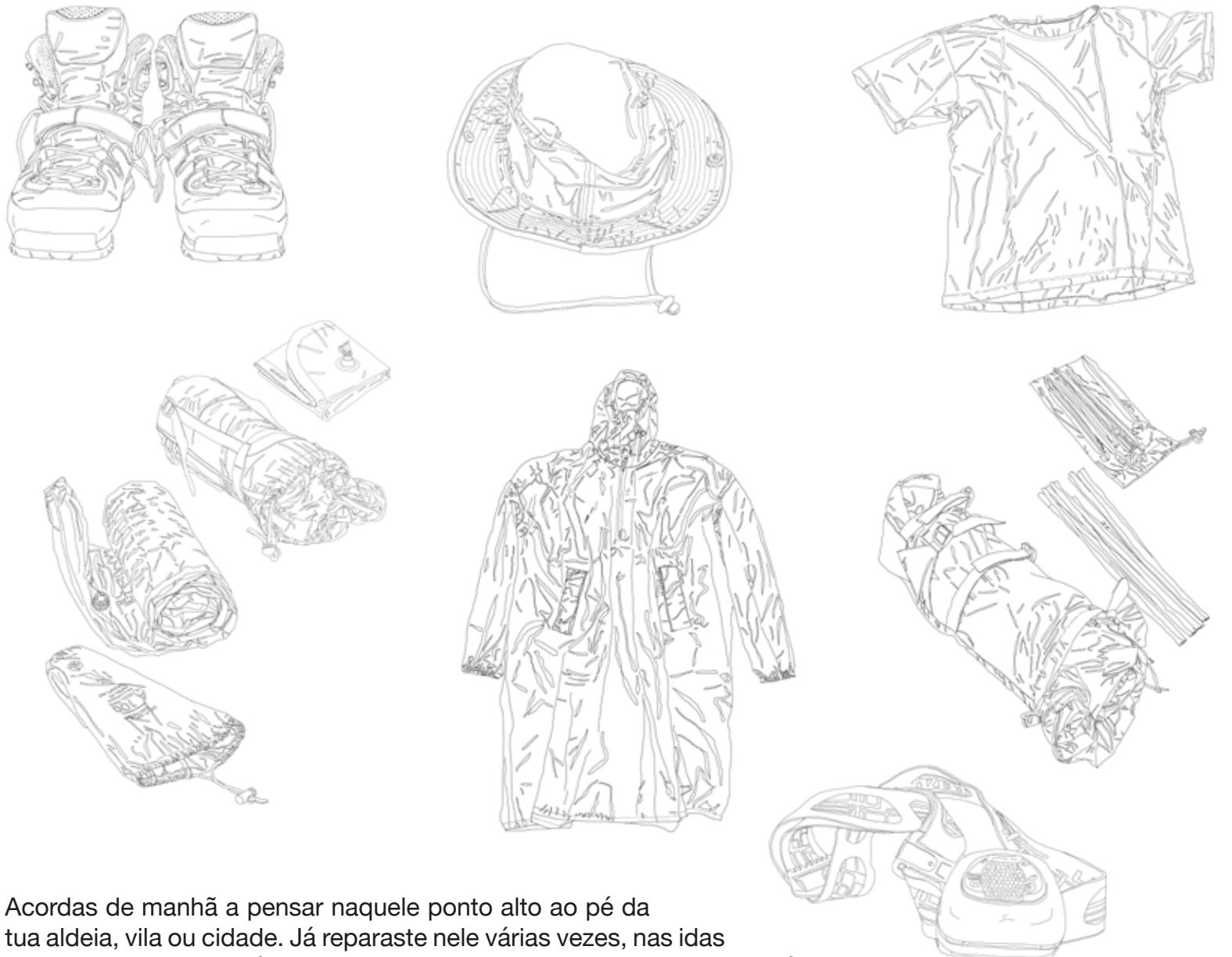


Caderno dos Labirintos

O Caderno dos Labirintos é um suplemento do Jornal da OSSO dedicado ao programa educativo de oficinas para crianças

**para
onde
queres
caminhar?**

Nuno Morão
Duarte Belo



Acordas de manhã a pensar naquele ponto alto ao pé da tua aldeia, vila ou cidade. Já reparaste nele várias vezes, nas idas e vindas que fazes diária ou semanalmente, e imaginaste como será a vista dali. Hoje vais pôr-te a caminho, e ver com os teus próprios olhos (e com os restantes sentidos). Dependendo da estação do ano, preparamos a jornada: ténis ou botas de caminhar, chapéu ou gorro para o sol ou para o frio, um impermeável. Se fores dormir ao relento, tens de acrescentar tenda, saco-cama, e um frontal ou lanterna.

PEQUENO GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E IDEIAS:

Acidente geográfico — entidade diferenciada no relevo da Terra (cabo, canhão, desfiladeiro, montanha, planalto, vale, etc.).

Azimute — coordenada do sistema de coordenadas horizontal; ângulo entre o norte e um ponto levantado, ou entre o norte e um lado de um determinado polígono; medida muito utilizada em astronomia, navegação e topografia.

Binóculo — instrumento de punho composto por duas lentes, usado principalmente para observação à distância.

Bússola — instrumento de navegação e orientação baseado nas propriedades magnéticas dos materiais ferromagnéticos e do campo magnético terrestre.

Caminhada — acção de caminhar, longo caminho a percorrer, passeio grande; jornada.

Cantil — pequeno recipiente resistente aos choques e passível de ser fechado hermeticamente, utilizado para transporte de líquidos.

Cartografia — actividade que se dedica à representação geométrica do espaço geográfico ou de uma superfície terrestre por meio do estudo, análise, e confecção de cartas, plantas ou mapas.

Coordenadas — (Geografia) sistema constituído por linhas imaginárias que permitem a identificação da localização de qualquer ponto na superfície terrestre; as coordenadas geográficas de determinada localização são obtidas através do ponto de encontro ou intersecção entre a altitude, a latitude e a longitude.

Cume — ponto mais elevado; alto, cimo, topo.

Distância — intervalo entre dois pontos, dois lugares, dois objectos; afastamento.

Elevação — acto de elevar; ascensão; distância desde o solo, ou a partir de um ponto dado; altura.

Geo-referenciação — (Geografia) processo de localização geográfica de determinado objecto espacial através da atribuição de coordenadas.



Geodesia — ciência cujo objecto é a determinação da forma da Terra, a medida das suas dimensões, incluindo a sua massa, a sua densidade e o estabelecimento das cartas ou mapas.

Geografia — ciência que estuda a distribuição dos aspectos físicos, biológicos e humanos da superfície terrestre.

Gravação-de-campo — processo de captura de sons autênticos em locais reais, fora de um estúdio de gravação controlado, de forma a criar experiências sonoras mais ricas e envolventes; procura-se, portanto, capturar sons da natureza, pássaros, vento, chuva, ondas do mar, sons urbanos, industriais, trânsito, ou um som específico de um determinado local.

Mapeamento — acto ou efeito de mapear.

Marco geodésico / vértice geodésico / talefe — construção, torre, obelisco ou sinal que indica no terreno uma posição cartográfica ou geodésica precisa.

Montanha — elevação natural e considerável do solo; monte muito

alto e extenso.

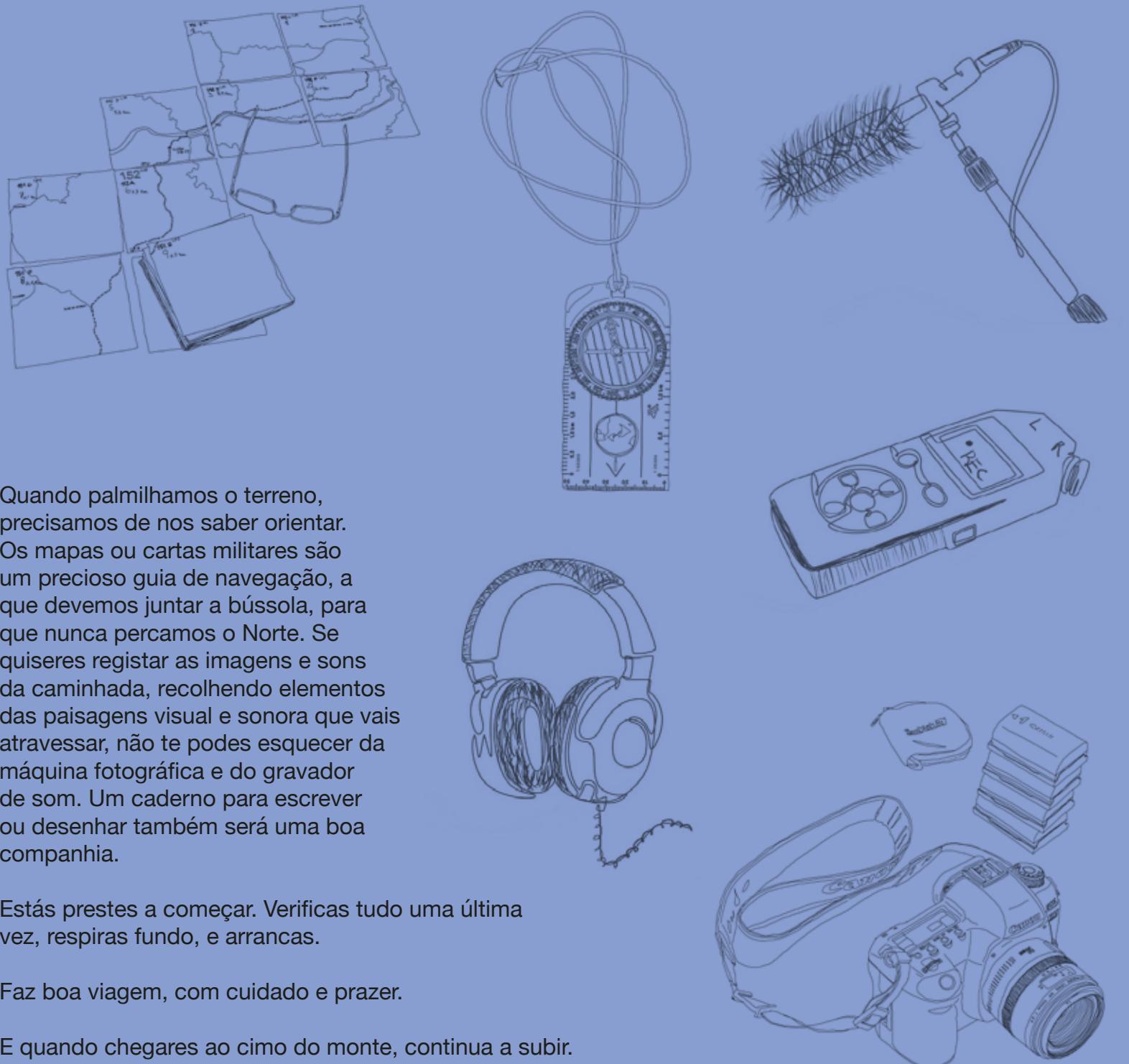
Observação — acto ou efeito de observar; ver ou olhar com atenção, considerar, examinar, notar.

Orientação — acto ou efeito de orientar ou de se orientar; impulso; direcção.

Orografia — estudo descritivo das montanhas.

Paisagem — porção de território que se abrange num lance de olhos.

Paisagem sonora — termo/conceito cunhado por Raymond Murray Schafer (n. 1933) que se refere ao ambiente acústico ou auditivo de um determinado local ou espaço, considerando todos os sons naturais, humanos, tecnológicos ou industriais; abrange, portanto, uma variedade de fontes sonoras, como ruídos da natureza, sons urbanos, atividades humanas, música, animais, vento, água, entre outros.



Quando palmilhamos o terreno, precisamos de nos saber orientar. Os mapas ou cartas militares são um precioso guia de navegação, a que devemos juntar a bússola, para que nunca percamos o Norte. Se quiseres registar as imagens e sons da caminhada, recolhendo elementos das paisagens visual e sonora que vais atravessar, não te podes esquecer da máquina fotográfica e do gravador de som. Um caderno para escrever ou desenhar também será uma boa companhia.

Estás prestes a começar. Verificas tudo uma última vez, respiras fundo, e arrancas.

Faz boa viagem, com cuidado e prazer.

E quando chegares ao cimo do monte, continua a subir.

Panorama — vista, paisagem; grande extensão de paisagem, que se desfruta de um ponto elevado.

Ponto culminante — o que representa o ponto ou o grau máximo de; auge, ápice.

Relento — ao ar livre, fora de casa, exposto à humidade da noite.

Relevo — saliência.

Saída-de-campo — actividade educacional que envolve levar os alunos para fora da sala de aula para uma aprendizagem prática em ambientes do mundo real.

Território — termo referente a uma área delimitada, sob a posse de algo, pessoa, organização ou instituição.

Vento — deslocação do ar provocada pelas diferenças de pressão ou de temperatura entre várias camadas atmosféricas.

LIVROS AGORA DISPONÍVEIS NA BIBLIOTECA DA OSSO QUE SUGERIMOS CONSULTAR:

“Portugal — Luz e Sombra. O País depois de Orlando Ribeiro” de Duarte Belo, 2012
Temas e Debates/Círculo de Leitores

“In the Field — The Art of Field Recording” de Cathy Lane & Angus Carlyle, 2013
Uniformbooks

“Caminhar oblíquo” de Duarte Belo, 2020
Museu da Paisagem

“O que há neste lugar? — Guia de exploração da paisagem” de Maria Manuel Pedrosa, Joana Estrela, 2019
Museu da Paisagem

“Lá fora — Guia para descobrir a natureza” de Maria Ana Peixe Dias, Inês Teixeira do Rosário, Bernardo P. Carvalho, 2016
Planeta Tangerina

Espécies

Plantas, pássaros, insectos, árvores, flores, fungos e outras formas de vida da natureza local.

LAGARTIXA-DO-MATO-COMUM (*Psammodromus algirus*)

A lagartixa-do-mato-comum (*Psammodromus algirus*) é uma das lagartixas mais numerosas que ocorrem em Portugal. É um réptil escamado da família dos lacertídeos que pode ser avistada facilmente em diferentes habitats (incluindo na proximidade das nossas casas): lugares áridos (como sistemas dunares), locais com vegetação arbórea e arbustiva, bosques e matagais mediterrânicos.

Alimenta-se de pequenos invertebrados, insectos, traças, aranhas, formigas, pequenos escorpiões e baratas, desempenhando assim um papel importante no controlo destas eventuais pragas domésticas. Na sua dieta também podem estar presentes as sementes, frutos e pequenas lagartixas.

A época reprodutiva da lagartixa inicia-se na Primavera, com posturas que vão de Maio a Julho, e que podem gerar de 2 a 11 ovos. Depois de 2 a 3 meses de incubação, as lagartixas bebés nascem entre Agosto e Outubro e, após um ano ou dois, atingem a idade reprodutiva.

Os predadores principais da lagartixa são raposas, ginetas, lontras, cegonhas, garças, aves de rapina, sardões e cobras. Em Portugal, é uma espécie considerada como “Não Ameaçada”. As lagartixas apreciam o calor do sol, sendo comum observá-las a desfrutar de longos banhos solares.

O espécime que foi “capturado” pela lente do João Quirino (e que ilustra esta rubrica do jornal) estava precisamente a aproveitar os últimos raios de sol que incidiam sobre o Hotel dos Insectos (construído no pomar da OSSO na Primavera de 2023).



Lagartixa no Hotel dos Insectos
© João Quirino



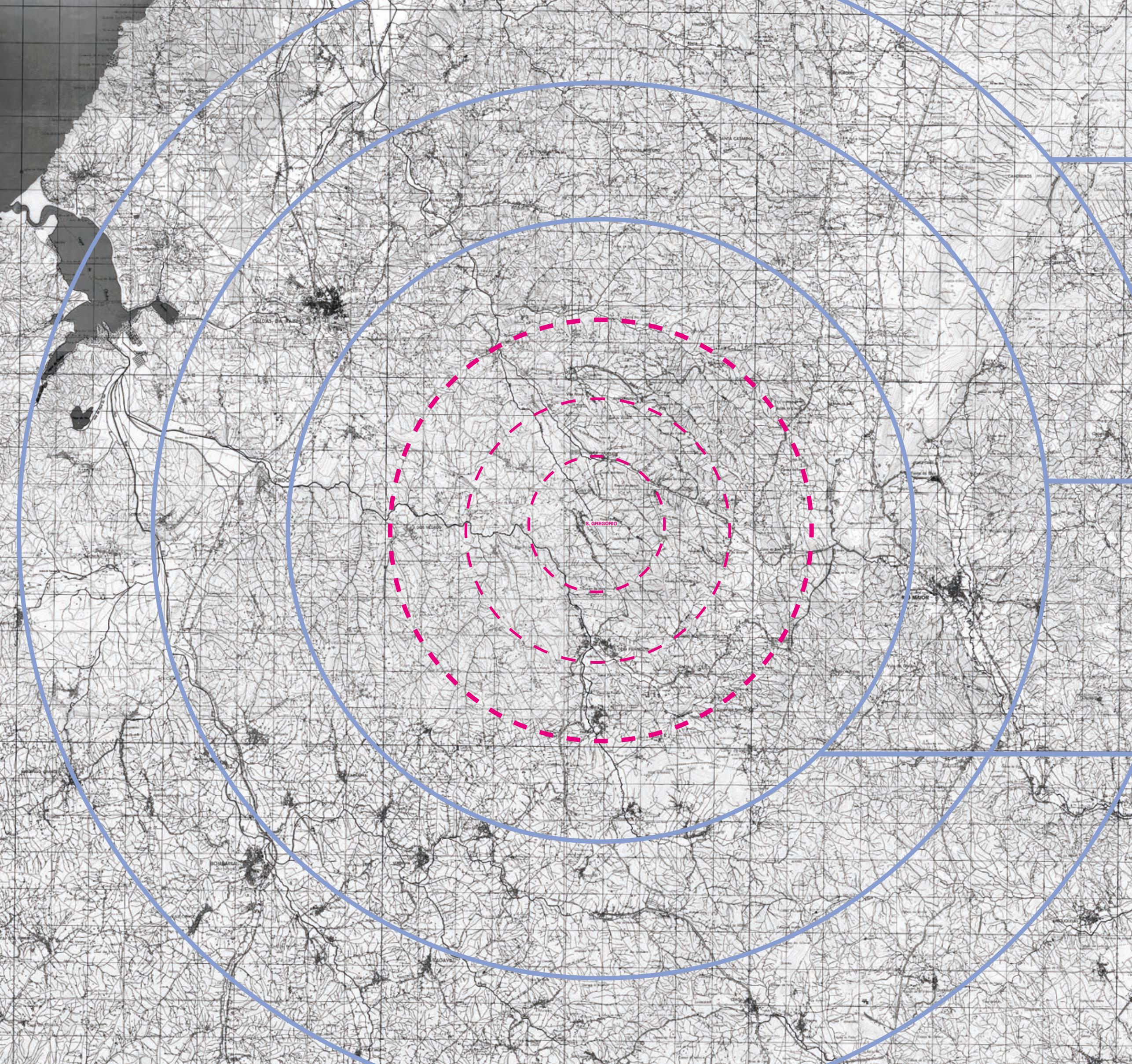
TALEFE DA FANADIA

O “talefe” da Fanadia faz parte da Rede Geodésica Nacional. É um Vértice Geodésico de 2.^a Ordem, está a uma altitude de 160 metros, e é de tipo “bolembreano” devido à sua forma tronco-cónica (na base, um cilindro, no topo, um tronco de cone). O primeiro marco com este tipo de características foi construído em Bolembre (Sintra), e os marcos geodésicos com características similares passaram a ser designados de tipo “bolembreano”.

Junto ao “talefe”, num dia limpo, podemos observar, entre outros elementos da paisagem: para Sudeste, a Serra de Todo-o-Mundo, que tem no seu topo um Vértice Geodésico “irmão” do da Fanadia (um “bolembreano” de 2.^a Ordem, a 260 m); para Sul, a Serra de Montejunto, que é a maior elevação do Distrito de Lisboa, encimada por um Vértice Geodésico de 1.^a Ordem (uma “pirâmide”, a 666 m); para Nordeste, a Serra dos Candeeiros, também encimada por um Vértice Geodésico de 1.^a Ordem (um “bolembreano” grande, a 487 m).

Receituário

Ingredientes e observações
em torno de um ciclo de
jantares comunitários.



29 JULHO - VERÃO CALDEIRADA

Já cheira a verão, e já cheira a mar. Mesmo a quilómetros de distância, o sal e o iodo chegam-nos ao nariz e fazem-nos querer férias. Esta é a altura de deitar tarde, de ficar a conversar, de sestas a meio do dia, por causa do calor, de salpicos.

Deus anda à beira de água de calça arregaçada, dizia Ruy Belo, e também queremos essas manhãs. Há alguma coisa que signifique mais verão do que uma caldeirada? Esticamo-nos até à costa para trazer o peixe para uma, e fazemo-la no forno, lentamente. Como também dizia Ruy Belo, somos crianças feitas para grandes férias.

14 OUTUBRO - OUTONO CARNE DE PORCO COM BERBIGÃO

Mudamos de poiso, para o coração da aldeia, e fazemos carne de porco, que é a carne que bate no coração dos portugueses. É dia de festa.

O Outono parece não querer chegar, o calor ainda nos chama ao mar e ao marisco.

Seria altura do fim das vindimas, e apostamos que, procurando bem, talvez encontrarmos vinho de um vizinho, a chamar a São Gregório terroir.

Salão de Festas. Hoje quase se come para ter energia para um baile a seguir.

16 DE DEZEMBRO - INVERNO PERÚ E CASTANHAS

Voltamos à aldeia e há frio e fumo, e o fumo é de madeira a queimar em lareiras, se tudo corre bem. Se correr mesmo bem, o cheiro de castanhas assadas e de terra e ervas húmidas misturam-se com este fumo.

Ninguém quer sair de casa, queremos mantas e bebidas quentes.

Esta não é a altura para grandes passeios, mas obrigamo-nos a ir até à cidade, porque há presentes a comprar, e porque os perus precisam de aguardente, e temos que nos meter no carro para a ir buscar.

**TRIANGULAÇÃO FUNDAMENTAL
NIVELAMENTO DE PRECISÃO
de
PORTUGAL**

R. 141245

